

A televisão cheia de graça

Sandra Kogut apresenta a sua videoarte em exposição na galeria do Centro Empresarial Rio

Cuidado com a marca Kogut. Você pode não conhecê-la pessoalmente, mas ela tem fama de virar *tele-visões* de cabeça para baixo. Sandra Kogut, 24 anos, desde os 19 roteiriza, produz, edita e dirige vídeo-clips, comerciais e experiências com videoarte. Provavelmente ela já passou na sua casa. Não confie na suavidade de seus olhos azuis. A mocinha sempre teve um pé na marginalidade. Mesmo quando está sob as grades do padrão global, Sandra faz questão de deixar sua marca pessoal. "Eu faço um trabalho de pesquisa, de experimentação de linguagens visuais", define. Confira, a partir de 11 de julho, na Galeria de Arte do Centro Empresarial Rio, na Praia de Botafogo. Você vai ver cenas que seu televisor nunca mostrou em posições nunca antes imaginadas.

Para começar, seus olhos serão encarados por um *aparelho receptor* mostrando um monte de gente famosa lhe dando boas-vindas. Mais um passo e você esbarrará num *telespectador* de dois metros de altura, repartido em quatro colunas de três televisores superpostos, uma escultura em que os aparelhos de cima mostram cabeças de perfil, frente e costas; os do meio focalizam os troncos; e os de baixo, as pernas e pés também em quatro posições. Quando o visitante da exposição de Kogut se cansar de correr, encontrará uma bicicleta. Mas a *tv ergométrica* o prenderá no chão enquanto apresenta imagens de ruas, avenidas e paisagens. Nem tente fugir porque a única saída é um *caminho de tvs* embutidas na horizontal. Cada passo será uma vertigem. De um aparelho para o outro, as profundidades vão aumentando até a última sensação de se estar no alto de um prédio de 40 andares.

Para se esconder, você terá duas alternativas. Numa cabine, encontrará imagens subliminares e música hipnótica. Na outra, imagens colhidas no Centro do Rio, em maio, quando os passantes foram convidados a entrar sozinhos numa cabine igualzinha e fazer o que quisessem diante da câmera de vídeo.

Loucura industrial. "Estou supercuriosa para saber qual a reação do público, como é que tudo isso vai bater", diz Sandra. Pouco difundidas no Brasil, a videoarte e a vídeo-instalações são expressões artísticas bastante badaladas na Europa e Estados Unidos. "Lá, existe mercado para esse tipo de exposição, com circuitos especiais e até colecionadores", comenta. Para viver de vídeo, Kogut montou há três anos, com o sócio Roberto Benini, a produtora indepen-

dente Antevê. "Foi como ter ganho uma bolsa de estudos. Só dessa forma, foi possível desenvolver o meu trabalho de pesquisa", afirma.

Pela Antevê, Sandra fez o roteiro, dirigiu e editou o clip *Manuel*, com Ed Motta, para o Fantástico, e o musical *Juliette*, com Fausto Fawcett, prêmio de melhor edição e melhor roteiro no VI Festival Fotóptica de Vídeo Brasil e a medalha de ouro no 31º International Film and TV Festival of New York. Com Fawcett, ela realizou também o clip *Kátia Flávia, a Godiva de Irajá*. Seu vídeo *A novidade*, com os Paralamas do Sucesso, ganhou o prêmio de melhor musical do Rio Cine Festival. A *videomaker* é responsável ainda pelo documentário de 50 minutos, exibido pelo SBT, *V o vídeo*.

Na corda bamba entre o comercial e o maldito, Sandra não quer pender pa-

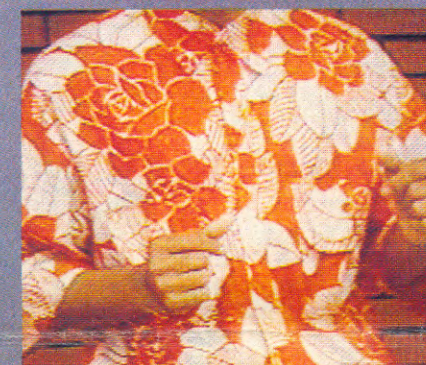
lado nenhum. "Meu trabalho é minha fonte de renda. É lógico que eu quero que ele passe na TV, seja assistido por um montão de gente", declara. "Mas tudo é um trabalho só para mim. Não faço distinção entre a publicidade e a videoarte. Quero deixar minha marca pessoal em tudo o que faço". Sandra tem outro conceito de postura comercial: "Não faço clips de qualquer jeito, só para ganhar dinheiro e me dedicar à arte pura. Essa coisa de não separar uma coisa da outra é quase marginal no mercado."

Para ela, não existe liberdade de criação sem grana no bolso. "Tem que rolar dinheiro para a gente se manter. Preciso de liberdade para fazer o que quero. E sem dinheiro não dá", diz. Ela não tem preconceitos contra a televisão. "Teoricamente, o que não é feito para passar na TV tem mais chance de ousar. Mas, na prática, a TV tem incorporado muitas coisas que surgiram fora das emissoras", explica. O acesso a equipamentos mais sofisticados também costuma atrair os alternativos para as grandes redes. "Na Globo, a gente tem uma infra-estrutura inimaginável para uma pequena produtora. Mas eu estou superacostumada a trabalhar com pouquíssimo e tirar o máximo. Isso é bom na hora em que a gente tem tudo nas mãos", comenta a *videomaker*.

Ex-estudante de filosofia, ela entrou na área do vídeo pela via de um dos muitos cursinhos que proliferam pela cidade. "Nessa época, eu queria ser câmera, mas desisti por causa do peso. Se eu tivesse nascido daqui a 50 anos, a revolução tecnológica já teria resolvido esse problema", brinca. Os primeiros clips de Sandra já indicavam o caminho da videoarte. Ela trabalhou com artistas plásticos como Alexandre Dacosta, Ricardo Basbaum e o marido Jorge Barrão — que conheceu na gravação de um vídeo experimental. "Eu não entendo de tintas, técnicas de escultura. Mas o material da TV é cotidiano e familiar para qualquer pessoa da minha geração", comenta.

Sandra sabe que não corresponde exatamente ao perfil de diretor premiado. "Em geral, as pessoas imaginam um homem mais velho e experiente. Quando chego numa gravação e sinto que não correspondo a essa imagem, tento tirar o máximo disso: falo suavemente e acabo virando as coisas a meu favor", diz.

Sandra Kogut vai mostrar o corpo humano em colunas de três televisores superpostos



Reproduções de Ricardo Mello

Cristiane Costa
Foto de Flávio Rodrigues